

## **Educação: desafios e técnicas aplicadas para motivar a aprendizagem**

## **Education: challenges and techniques applied to motivate learning**

---

*Jair Henrique Boarão  
Sandro António Malinowski*

DOI: 10.47573/aya.5379.2.87.3

## RESUMO

O maior dos desafios hoje enfrentados pelos educadores é como despertar o interesse no aluno e motivar o mesmo a permanecer na sala de aula sem baixar o rendimento, uma vez que com o advento da tecnologia, as informações são processadas numa velocidade, que quadro de giz se tornou um objeto arcaico, quando utilizado nos moldes das pedagogias tradicionais. Muitos professores ainda utilizam as cansativas aulas expositivas, na qual ele é o único a falar e expor o conteúdo da aula, ainda que o mesmo use de novas tecnologias, como data show por exemplo. Esse estudo tem como principal objetivo trazer algumas discussões sobre o assunto, sob olhares de Weber, Dewey, Illich, dentre outros para complementar a abordagem. De acordo com Illich, para se ter um bom sistema educacional deve-se ter como propósitos: acesso igualitário a todos os recursos disponíveis, capacitação e pesquisa, defendendo assim um currículo próprio para cada formação, ter outros locais que fossem responsáveis pela instrução, o que ele denominou de descolarização. Já para Dewey a teoria deve estar vinculada a prática, de nada adiantaria ensinar algo fora do contexto, pois não despertaria interesse no aluno, seria somente algo que ele guardaria momentaneamente, logo, além da inserção tecnológica, deve-se planejar aulas participativas onde o aluno possa se sentir como parte da aula, onde suas experiências possam contribuir com o ensino do conteúdo apresentado, onde ele possa ouvir seus colegas e aprender com as experiências deles, e o professor seja um mediador entre o conteúdo e o aluno. Isso não é um sonho, é algo possível, quando se tem a coragem e a ousadia de ensinar o desconhecido.

**Palavras-chave:** desescolarização. motivação. tecnologia. práticas pedagógicas.

## ABSTRACT

The biggest challenge faced by educators today is how to awaken the interest of the student and motivate them to stay in the classroom without lowering their performance, since with the advent of technology, information is processed at a speed, which frame chalk became an archaic object when used in the mold of traditional pedagogies. Many teachers still use the tiresome expository classes, in which he is the only one to speak and expose the content of the class, even though he uses new technologies, such as a data show for example. This study has as main objective to bring some discussions on the subject, under the eyes of Weber, Dewey, Illich, among others to complement the approach. According to Illich, in order to have a good educational system, the purposes must be: equal access to all available resources, training and research, thus defending a specific curriculum for each training, having other places that were responsible for instruction, the what he called decollarization. As for Dewey, theory should be linked to practice, it would be useless to teach something out of context, as it would not arouse interest in the student, it would just be something that he would keep momentarily, therefore, in addition to technological insertion, participatory classes should be planned where the student can feel like part of the class, where their experiences can contribute to the teaching of the content presented, where they can listen to their colleagues and learn from their experiences, and the teacher is a mediator between the content and the student. This is not a dream, it is something possible, when you have the courage and daring to teach the unknown.

**Keywords:** decollarization. motivation. technology. pedagogical practices.

## INTRODUÇÃO

Se fosse traçado uma linha do tempo sobre a função da escola, mesmo que no Brasil ela sempre esteve vinculada a um grupo pequeno da classe dominante, desde a chegada dos colonizadores por volta de 1500, poderia perceber que as mudanças também ocorreram dentro dela enquanto instituição socializadora e responsável pelo processo ensino e aprendizagem.

As transformações sofridas pela sociedade no decorrer da história, como por exemplo a mais significativa que é a tecnológica, tem refletido no espaço de sala de aula, os alunos de hoje estão em constante contato com tais tecnologias enquanto que o docente muitas vezes ainda planeja sua aula nos moldes tradicionais de ensino, as vezes por falta de capacitação, insegurança ou até mesmo falta de recursos.

Se a sociedade atual se vê confrontada com o desenvolvimento acelerado que ocorre a sua volta, onde o desenvolvimento e as descobertas ocorrem em frações de segundos, ocorre um certo desgaste, uma vez que a atualização das informações tem ocorrido de forma acessível a todos os segmentos envolvidos no processo educacional, satisfazendo de uma forma geral aos interesses daqueles que buscam as informações. Nesse contexto resta a escola rever suas ações e o seu papel no aprimoramento da sua prática educativa, sendo que, uma análise sobre seus conceitos didático-metodológicos, concepção de homem e sociedade precisa ser feita, de forma a adequar sua postura pedagógica ao momento atual, para então conseguir cumprir sua função transformadora e idealizadora de conhecimentos científicos-filosóficos pautando o resultado de suas ações em saberes concretos.

Independente das correntes políticas, esquerdas ou direitas, o processo educacional sempre foi alvo de discussões e apontamentos,

O conceito de “aprender fazendo” de John Dewey e as técnicas Freinet, por exemplo, são aquisições definitivas na história da pedagogia. Tanto a concepção tradicional de educação quanto a nova, amplamente consolidadas, terão um lugar garantido na educação do futuro. (GADOTTI, M. 2000, p.6-8).

Pensando dessa maneira manter o interesse desse aluno na sala de aula requer uma reformulação pedagógica que priorize uma prática para o desenvolvimento, onde a escola deixe de ser vista como uma obrigação a ser cumprida pelo aluno, e se torne uma fonte de efetivação de seu conhecimento intelectual que o motivará a participar do processo de desenvolvimento social, não como mero receptor de informações, mas como idealizador de práticas que favoreçam esse processo, seria necessário como Illich citou uma desescolarização, uma vez que na sociedade da informação, a escola deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral, defendida por Dewey também para ter como objetivo orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer, sendo assim a escola necessita ser uma gestora de conhecimento, isso não é somente modernizá-la e sim transformá-la

Os novos tempos exigem um padrão educacional que esteja voltado para o desenvolvimento de um conjunto de competências e de habilidades essenciais, a fim de que os alunos possam fundamentalmente compreender e refletir sobre a realidade, participando e agindo no contexto de uma sociedade comprometida com o futuro. (HAMZE, A. 2004, p.1).

Logo as velhas práticas, as ferramentas que já estão ultrapassadas e as metodologias arcaicas já não são suficientes para suprir as necessidades do atual cenário educacional brasi-

leiro, não pode-se ensinar os nossos alunos a trocarem rodas de carroça, por exemplo, é preciso considerar que as informações se tornaram mais rápidas e acessíveis, que os estudantes estão cada vez mais autônomos e conectados que as novas tecnologias e mídias sociais estão revolucionando a forma de ensinar e aprender.

Esse estudo também foi um pouco ousado por citar algumas técnicas diferenciadas de trabalho, como o de equipe, tirar o aluno da zona de mero receptor, fazê-lo sentir interesse no processo de aprendizagem enfim, para isso também o professor tem que sair da zona de conforto para falar a mesma linguagem, ter uma abordagem diferenciada para conseguir desenvolver as competências e habilidades esperadas.

## REVISÃO DE LITERATURA

A educação no Brasil sempre esteve a interesse de poucos, desde a sua colonização, que conseguiu deixar esquecida um aprendizado e uma cultura de um povo que já estavam presentes aqui quando os colonizadores chegaram, os indígenas, e pouco a pouco o sistema educacional foi se transformando de acordo com os modelos políticos e econômicos de cada época, por isso a variação de perfil de formação de cada indivíduo para cada época diferente.

A igreja durante séculos ficou responsável pelo sistema econômico vigente e sobre qualquer assunto referente ao que era ensinado dentro das instituições, claro que dentro dos ideais previstos pela fé, e durante muito tempo as metodologias utilizadas em sala ficaram a propósito desse sistema de ensino, logo não havia um interesse da formação de um aluno pensante que questionasse o sistema de alguma maneira.

A educação independente do país, sempre vai sofrer as consequências de seus dominadores e da situação vigente do sistema político e econômico e, para alguns pensadores, como Ivan Illich (1926-2002), a educação é entendida como um modelo de transformação social para se chegar a uma sociedade mais justa, igualitária, que na realidade seria um sonho utópico, uma vez que a igualdade numa sociedade de tantas diferenças não consegue nem equiparar os direitos e muito menos a aprendizagem que daria conta de sanar toda essa problemática, substituiria o termo igualdade por equidade, que em seu significado consiste em tratar de forma diferente aqueles que não se encontram em situações de igualdade, daí a grande diferença, daí o grande diferencial na formação do indivíduo.

Sabe-se que as Instituições sociais são corpos sociais formados para promover a integração dos membros de uma sociedade. Algumas instituições sociais, como o Estado e a Igreja, unem os indivíduos de acordo com aspectos com os quais os membros de tais instituições comungam, como religião e nacionalidade. Em outros casos, como a escola e o trabalho, as instituições sociais são meios de adequar o indivíduo a um modo de comportamento esperado pela sociedade.

De acordo com o sociólogo alemão Max Weber, são as instituições sociais mecanismos criados para conectar o indivíduo à sociedade. Elas garantem, portanto, o que Weber chamou de coesão social, que é o modo como uma sociedade une os seus membros unitários (indivíduos) em um corpo coeso, unido, ou seja, a coesão é o que torna a coletividade uma sociedade.

Ainda de acordo com o sociólogo, as instituições sociais têm características próprias de

acordo com o tipo de socialização que elas promovem. Os tipos de socialização são as primárias família e igreja, sendo esses os primeiros contatos do indivíduo e as Secundárias que ocorrem em instituições mais desenvolvidas e oficialmente estabelecidas, como o Estado, a escola e o trabalho; impõe ao indivíduo as normas específicas e oficiais de uma sociedade, como as leis, a organização financeira e a propriedade.

[...] situação de classe, que podemos expressar mais sucintamente como a oportunidade típica de uma oferta de bens, de condições de vida exteriores e experiências pessoais de vida, e na medida em que essa oportunidade é determinada pelo volume e tipo de poder, ou falta deles, de dispor de bens ou habilidades em benefício de renda de uma determinada ordem econômica. A palavra classe refere-se a qualquer grupo de pessoas que se encontram na mesma situação de classe (WEBER, 1974, p.212).

É através do sistema de socialização secundária prevista por Weber, no caso a escola, é onde se deposita as esperanças em um melhor desenvolvimento individual independente da classe social, nesse caso consegue-se a igualdade, não de conteúdos e de formas de aprendizagem, porem de interesse em que seu filho passe quase a vida toda dentro dessas instituições. se preparando para estarem aptas a assumir as responsabilidades que a vida exige, ou seja, teoricamente acredita-se que mesmo que “quanto mais longa a escolaridade, melhores os resultados” (ILLICH, 2018, p. 11).

O ideal de busca para a maioria dos pesquisadores seria uma educação em período integral para todos, para tentar equiparar os déficits, e quanto a isso, independente a quem está servindo, seja direita ou esquerda, ela sempre é vigiada de perto pelos governadores, pois lugar de criança é na escola.

No Brasil, principalmente a partir do início do século XXI, muito se tem discutido sobre a ampliação do tempo escolar e essa passou a ser entendida como base para a busca pela qualidade na educação, caracterizando-se como uma Educação Integral e em tempo ampliado, onde crianças e jovens tem um tempo maior de permanência no espaço escolar. Os documentos que embasam esse tipo de ensino começaram a ser desenhados desde o Manifesto dos Pioneiros, passando pelas Leis de Diretrizes e Bases, bem como vários Decretos de Regulamentações, inclusive pelo Plano Nacional, tendo uma Meta somente para a Educação Integral.

Já Illich, de acordo com Romo (2012),

(...) entendia que o centro da problemática estava fora das conveniências, intenções ou aspirações de um grupo de pessoas em particular, o que quer dizer que não estava nem na voracidade dos setores dirigentes, nem na inépcia dos setores populares, tampouco na ganância dos capitalistas nem no idealismo dos socialistas, menos ainda no subdesenvolvimento de uns ou no imperialismo de outros. Pensava, ao contrário, que todos éramos opressores e oprimidos ao mesmo tempo, pois alimentamos um modo de produção que escapou das nossas mãos e que impõe, como único fim, seu incansável crescimento. (ROMO, 2012, p. 132).

Mas de nada adiantaria uma educação em período integral se o foco de formação não atendesse a necessidade do mercado, bem como de forma como o conteúdo vem sendo ensinado, para tanto Illich propõe a desescolarização, que abre um precedente para muitos entenderem que isso seria a destruição do sistema escolar, de uma organização própria onde aconteceria essas aulas, o que realmente ele pensa é uma educação para uma sociedade que ainda não exista ou mesmo, não esteja pronta para tal tipo de educação, esta iria além dos muros escolares.

A alternativa para nossa dependência das escolas não é o uso de recursos públicos para

algum novo propósito que ‘faça’ as pessoas aprenderem; é antes a criação de um novo estilo de relacionamento educacional entre o homem e o seu meio ambiente. Concomitantemente com a promoção desse estilo devem mudar as atitudes para com o crescimento, os instrumentos de aprendizagem.

Crianças, adolescentes, jovens e adultos devem ter garantido seus direitos básicos à educação em tudo que diz respeito ao desenvolvimento de suas potencialidades escolares, isso é complexo, uma vez que exige várias mudanças requeridas, seja na visão de ensino, de aprendizagem, de currículo, de avaliação e de tempos escolares.

Quando se trata dos tempos escolares, desde o século XX, a educação integral tem sido muito discutida nas propostas de diversas correntes políticas e após anos de embate, o então governo de Fernando Henrique Cardoso enviou ao Congresso Nacional uma nova versão da LDB que foi aprovada como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394 de 1996 e essa sinaliza discretamente a educação integral conforme citado em seu artigo:

Art. 34. A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola. §2º O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino.

Essa necessidade requer que especialistas busquem novas estratégias de ensino para o processo educacional, no que se refere ao processo ensino-aprendizagem, que quando não visa a interação professor e aluno, fica denominado por alguns especialistas, como modelo transmissão-recepção. O processo ensino-aprendizagem deve fornecer subsídios para que ocorra a qualificação de profissionais competentes para o atual mercado, são várias as lacunas ainda existentes para que se chegue a tal objetivo.

Pensar num modelo de ensino significativo, desvinculado do tradicional, requer um desenho bem construído de concepção de aluno, de aprendizagem e dos conhecimentos e atividades que é propiciado aos alunos, logo deve-se explicitar de forma coerente essas concepções que são subjacentes a esse novo modelo. Caso contrário, corre-se o risco de utilizar ainda uma metodologia mecânica, cujo objetivo é a armazenagem momentânea do conteúdo, que será brevemente esquecido.

Para se pensar a escola que conhecemos é necessário compreendê-la dentro de um determinado contexto histórico, considerando suas especificidades. Essa escola, alicerçada em princípios caros à tradição da modernidade, encontra-se abalada pelo modo de viver contemporâneo, em que novas formas de poder entram em jogo. Para o sociólogo Zygmunt Bauman, a escola está inserida na dinâmica social e tal como a sociedade enfrenta uma mudança na forma de compreender o espaço e o tempo, que outrora se configuravam como predetermináveis e estagnados e hoje reconhecidos como processuais, mutáveis e dinâmicos (BAUMAN, 2001, p. 131).

Contudo, se isso é possível ou não, só o tempo terá a resposta, porém o que se sabe é que o discente que está ali sentado numa sala de aula necessita de um estímulo, para ali permanecer, a metodologia utilizada no início da educação formal e repetida por anos, não cabe numa sociedade globalizada e rica em informações.

A informatização do ponto de vista capitalista, constitui um bem econômico (ou mercadoria). Sua produção, tratamento, circulação e mesmo aquisição tornam-se fundamentais para a ampliação do poder e da competitividade no mundo globalizado. Investir em infor-

mação ou adquirir informação qualificada passou a ser, então, condição determinante para o aumento da eficácia e da eficiência no mundo dos negócios (LIBÂNEO; *et al*, 2012, p. 80).

Mas será que se pode esperar da escola toda essa transformação necessária, uma vez que o sistema a descreve como universalmente boa, e que além de ser “direito de todos e dever do Estado e da família” (BRASIL, Art., 205), se é dever, tem-se em outras palavras a obrigatoriedade, mas se é tão boa, por que tem esse caráter obrigatório? Simples, construiu-se por muito tempo como Illich, já havia discutido, que lugar de criança é na escola, simplesmente para manter os padrões dominantes na vida de cada um.

Realmente, é um tanto quanto esquisita a ideia de que alguém queira obrigar outro alguém a ser feliz, por exemplo. Ou será que o bem, depois de tanto tempo, já deixou de ser “[...] aquilo a que todas as coisas visam” (ARISTÓTELES, 1996, p. 118), sendo agora necessário que uns obriguem os outros a desejá-lo?

Não há uma fórmula acabada, até porque o mundo está em constante transformação, e a escola enquanto local de socialização secundária, também está inserida nesse contexto de mudanças, ser docente dentro dessa instituição vai além de ensinar o que já sabe, tem que ir além, explorar o desconhecido.

Nas diretrizes do Plano Nacional de Educação, 2001 o aumento da jornada escolar é uma alternativa para amenizar as disparidades sociais e expandir de acordo com a democracia as oportunidades de aprendizagem.

Pensar nesse novo olhar sobre o processo educacional, de que forma a educação em período integral pode equiparar os déficits de aprendizagem, e isso significa propiciar ao educando, um papel de sujeito da sua própria história, de desenvolver as habilidades e competências necessárias exigidas pelo currículo, mediante essa sociedade tão desigual, mas que não aconteceria se o conteúdo e a forma que é encaminhada a metodologia em sala de aula, se ambos não sofressem transformações também.

Para Dewey, deve ocorrer “uma identificação entre o fato que deve ser aprendido ou a ação que deve ser praticada e o agente que por essa atividade se vai desenvolver” (DEWEY, 1978, p. 66), ou seja, em outras palavras, para melhor clareza, deve-se reconhecer, antes de tudo, a intrínseca relação entre vida e educação. Caso contrário, “o que é aprendido, sendo aprendido fora do lugar real que tem na vida, perde com isso seu sentido e seu valor” (TEIXEIRA, 2010, 49), logo, o desinteresse na aprendizagem por parte do aluno ainda vai ser maior, por isso que, para esse pensador, quando há a indissociação entre aquilo que se aprende e aquele que aprende, “não teremos que recorrer aos bons ofícios da força de vontade, nem nos ocupar de tornar as coisas interessantes” (DEWEY, 1978, p. 66).

De acordo com Dewey, quando forçamos o aluno a prestar atenção em nossas aulas, estamos associando aprendizagem e disciplina, dessa forma ocorre uma repressão a “capacidade espontânea da criança, a solicitação dos seus próprios impulsos que se querem realizar e concretizar, não podem ser suprimidas” (DEWEY, 1978, p. 67).

Quando se age dessa maneira, o que se consegue no máximo é que o aluno opere uma eliminação intelectual, visto que esse aluno não consegue controlar plenamente a sua atividade mental.

Assim, inevitavelmente, por mais rigor que seja utilizado, o que o professor consegue da

criança “tão-somente a simulação da atenção, mas nunca a sua verdadeira essência” (DEWEY, 1978, p. 68). Nem sempre uma criança paradinha na carteira é garantia de que ela não esteja em plena agitação, envolvida pelos seus próprios pensamentos, saltitante, bem distante daquilo que está acontecendo em seu entorno escolar.

Ainda segundo Dewey, o interesse pode ser classificado de duas maneiras: o interesse direto ou imediato e o interesse indireto e mediato, sendo que o primeiro ocorre quando o fim de uma determinada atividade é a própria atividade, portanto nesse caso não há diferença alguma entre meios e fins e nem objetivo para a aprendizagem e o segundo, quando, apesar de imediatamente dissociada, percebe-se as relações mais amplas capazes de conectar determinada atividade com aquilo que pode ser aproveitado pelo aluno e utilizado futuramente.

Quando alguém compreende que “esse todo lhe pertence, ou se o seu próprio movimento o põe em contato com esse todo, aquela coisa ou aquela ação passa a interessá-la” (DEWEY, 1978, p. 74) e somente assim se pode falar, em despertar o interesse de alguém por algo.

O ideal seria despertar o interesse educativo em nossos alunos. Para tanto, ter-se-á que, antes de qualquer coisa, “descobrir a relação intrínseca entre a matéria, ou objeto, e a pessoa, relação essa que, uma vez conscientemente percebida, passa a ser o motivo da atenção” (DEWEY, 1978, p. 75).

Para saber se a aplicação da função do interesse dos alunos em sala de aula está dando resultados positivos ou não, Dewey apresenta um critério para tanto:

“O interesse é normal e, educativamente, legítimo e digno de confiança, no grau em que a atividade que envolva ganhe crescimento ou desenvolvimento. O interesse é usado ilegitimamente no grau em que for sintoma ou causa de parada no desenvolvimento de uma atividade” (DEWEY, 1978, p. 85).

Quando citado anteriormente que precisa adentrar no desconhecido, ir além do que já sabe o docente pode aplicar algumas práticas que podem auxiliar na busca do interesse do aluno em prestar atenção na sua aula, uma delas é o desenvolvimento da autonomia. Quando esse é encorajado a pensar ativamente, criticamente e autonomamente ele aprende mais do que as que são levadas a obter apenas competências mínimas.

... o educando deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado; deve perceber alguma relação entre o conteúdo e a sua vida cotidiana, suas necessidades, problemas e interesses. Torna-se necessário criar um clima de predisposição favorável à aprendizagem (GASPARRIN, 2005, p. 15).

Alternar as estratégias metodológicas em sala de aula pode ser uma boa dica na busca pelo interesse, uma vez que as aulas tradicionais com livros, papel, slides e caneta, acabam desmotivando os alunos, não que não possam ser utilizados, uma vez que a história se constrói pelos registros, se não o fosse, não descobririam que desde a pré-história o homem já rabiscava e contava sua evolução através das pinturas rupestres, porém hoje existem novas propostas de trabalho que podem auxiliar o aluno no desenvolvimento de novas habilidades, sendo que estas transformam não somente o profissional, mas também o próprio aluno como cidadão, ou seja como um ser social atuante numa sociedade em constante transformação: o aprender a aprender, o trabalho em equipes, a flexibilidade, a pesquisa, dentre tantos outros.

Com relação ao aprender esse consiste na postura do aluno em ter desenvolvida a habilidade de buscar o conhecimento, de acessá-lo e incorporá-lo para então abrir novos horizontes,



isso requer uma quebra do estereótipo.

De acordo com Demo (1997) um ensino baseado no aprender, significa focar menos nos produtos a serem dominados e mais no indivíduo, que se tornará capaz de refletir, avaliar processos, ser criativo e criticar. Quando se pensa uma metodologia para desenvolver tais habilidades, a pesquisa é fundamental.

Por meio da pesquisa o aluno busca novos conhecimentos desenvolvendo assim a habilidade da criatividade, pois quando se deparar com um problema futuramente estará aquém de um profissional criado nos moldes antigos de ensino.

O conhecimento do conhecimento deve aparecer como necessidade primeira, que servirá de preparação para enfrentar os riscos permanentes de erro e de ilusão, que não cessam de parasitar a mente humana. Trata-se de armar cada mente no combate vital rumo à lucidez (MORIN, 2000, p.14).

Paulo Freire, em toda sua sabedoria diz que não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino.

Enquanto ensino, continuo buscando, re-procurando. Ensino porque busco, porque indaguei e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1996, p.32)

Logo a pesquisa é uma maneira de apontar para a direção correta da aprendizagem, respaldada pela elaboração própria, agregada ao processo formal e política, elevando, portanto, a capacidade do educando de aprender.

Nesse sentido, Lakatos e Marconi (2001, p.38) citam que “Os desafios as crises que envolvem a educação apontam para a urgência de repensar as práticas pedagógicas, as interações e mediações com os alunos, com a comunidade escolar e com todos aqueles que adquirem contato introdutório com a pesquisa”. (LAKATOS E MARCONI, 2001, p.38).

A escola como é conhecida é uma instituição que faz parte desse mundo e portanto sofre transformações positivas e negativas de cada momento de mudança na sociedade, não dá para esperar que se crie um mundo novo, que tudo vai acabar e recomeçar a vida humana do zero, tem que se manter a esperança sobre as potencialidades humanas e tentar pelo menos modificar os erros, não repeti-los proporcionar aos educandos uma liberdade critica de significação da realidade e que estas não sejam reprimidas em vista da instauração de um sentido único para a existência individual, dentro do coletivismo, pensando no futuro, uma vez que a percepção dos alunos da utilidade futura do que aprendem hoje pode ter efeitos positivos para a sua motivação. De modo geral, os alunos mais motivados conferem maior valor às metas futuras.

Outro exemplo de método pedagógico que desperta o interesse do aluno em sala de aula é o trabalho em equipe, apesar que muitos alunos apresentam muitas dificuldades nesse tipo de interação, daí a necessidade do docente mediar todo o processo, mostrando a importância e a aplicação futura desse tipo de interação.

Diferente do modo de produção de massa, onde cada profissional era alienado a seu trabalho sem se preocupar ou interagir com o outro, atualmente uma habilidade bastante exigida é o trabalho em equipe, construir as relações Inter e intrapessoais.

De certa forma, trabalhar em equipe pode render muitos benefícios para a vida profissional de qualquer área de atuação, pois o indivíduo aprende mais, a qualidade do trabalho pode

ser melhor diminuindo também o tempo para exercício da tarefa, no entanto não é um processo tão fácil, pois é preciso dividir tarefas, cumprir seus prazos, buscar a excelência, entender que é preciso agir como time, para isso é fundamental um bom líder.

Quando se trata do tempo e necessariamente do tempo escolar, sabe-se que o tempo de escola é medido e analisado de diferentes maneiras, ou seja, pode ser ao longo do ano, da semana e do dia, na duração dos recessos e férias, no tempo efetivamente atribuído às atividades consideradas de "ensino", no tempo para a execução autônoma de tarefas, no tempo mobilizado pela escola em atividades extracurriculares. O fato é que não há diretamente comprovada uma associação entre quanto mais tempo e a existência de um melhor desempenho do aluno ou vice-versa.

Quando se pensa em uma educação em tempo integral, pensando lá em Illich, "tempo" e "educação" tornam-se indissociáveis. Considerar o fator tempo é imprescindível. É necessário considerá-lo para além de sua ampliação, como esse tempo ampliado é ocupado, qual lógica norteia sua organização, pois "Puxar do tempo é puxar de um fio que se estica e se desdobra, que toca as múltiplas dimensões em que nossa docência se enreda". (ARROYO, 2012, p. 188).

No entanto, Pestana (2014), fala que a educação em tempo integral seria uma resposta a diferentes demandas sociais que exigem um novo processo educativo com diversas possibilidades, estratégias e ações. Uma forma de o sistema educacional brasileiro ser mais justo, alterando um paradigma que vem travando o desenvolvimento do processo educacional, e, conseqüentemente, da evolução do país.

Ainda seguindo a linha de pensamento de Dewey sobre levantar e manter o interesse do aluno em sala e aproveitamento melhor o tempo, então, talvez nem fosse preciso dizer que o verdadeiro interesse, aquele que efetivamente importa nos processos educacionais, é aquele que, não é separado da plenitude da vida, o famoso fazer o que gosta, sentir prazer em realizar tal tarefa, uma vez que, "em qualquer atividade em que o ser humano se empenhe com interesse, há sempre uma expansão de impulsos e tendências, por certo período de tempo, de que resulta algum crescimento" (DEWEY, 1978, p. 86). Quem se interessa por algo quer este algo para si, não apenas para que este algo seja seu, mas, porque, se identificou com algo que, conquistado, passa a constituir o seu próprio ser.

Segundo Cavalieri (2007, p.1023) "a ampliação do tempo escolar precisa ser analisada a partir das muitas variáveis que a influenciam, como os diferentes tempos que ela mesma comporta: do relógio, o tempo subjetivo, do professor, do aluno e principalmente do tempo para aprender. Sendo uma construção histórica do ser humano, este pode alterá-lo para atender às necessidades emergentes da sociedade atual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço escolar de acordo com Weber é o local de socialização e trocas de conhecimento por onde os indivíduos passam depois da família e a Igreja, e é nesse espaço que vai acontecer o desenvolvimento das habilidades e competências, tão exigidas diante desse novo contexto da tecnologia da informação.

Se a principal meta da educação, segundo Piaget é a formação de homens capazes de

fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram, então cabe aos profissionais envolvidos redesenhar uma nova concepção de homem, sociedade e buscar práticas pedagógicas diferenciadas, que segundo Dewey devem despertar o interesse do aluno em permanecer e aproveitar o espaço escolar.

As metodologias educacionais apesar de todas essas mudanças, ainda devem passar por uma reinvenção; os currículos trazem os conteúdos historicamente produzidos no decorrer da história, nesse contexto Illich propõe a desescolarização, uma vez que a aprendizagem não está mais vinculada somente a sala de aula, os alunos dessa geração informatizada já estão além de muitos professores, nascem com o celular na mão e pesquisam sim, vivem conectados e vem sedentos de dúvidas, mas se ao depararem com um método arcaico de ensino, de transmissão de conhecimento, igual o conhecido na Pedagogia tradicional, vão se sentir desmotivado e vão desmotivar o profissional responsável pela docência também.

Manter a atenção do aluno, fazer uma aula interessante, agregar a tecnologia as suas aulas, são apenas alguns passos para transformar a realidade em sala.

Quando Illich, trata da desescolarização, não quer dizer que deve esquecer a teoria, ela é importante, mas a maneira de transmiti-la que deve ser reconsiderada, para então manter o interesse como Dewey, trouxe em sua discussão.

Esse tipo de abordagem não termina aqui, esse estudo abre leques para novas pesquisas de como ministrar a aula diante dessa geração que já vem carregada dos acessos digitais. Sabe-se que a Educação sempre caminhou de forma lenta e todos os avanços educacionais foram construídos a base de muitas lutas.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis: Vozes, 2012a.

CASTRO, A. H. O professor e o mundo contemporâneo. Jornal O Diário Barretos, opinião aberta, 08 jul 2004.

CAVALIERE, A. M. Tempo de escola e qualidade na educação pública. Educação e Sociedade, v. 28, n. 100, p. 1015-1035, 2007. Acessado em 06/01/2022

DEMO. Desafios modernos da educação. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DEWEY, John. Vida e Educação. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

DOWBOR, L. A reprodução Social. São Paulo: Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

ILLICH, Iván. Alternativas. In.: ILLICH, Ivan. Obras Reunidas I. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

ILLICH, Ivan. Sociedade sem Escolas. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001

MORIN, Edgar. Rumo ao Abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

PESTANA, Simone Freire Paes. Afinal, o que é educação integral? Revista contemporânea de Educação, vol 9 nº 17, janeiro junho. Faculdade de educação. UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976

ROMO, Andrés Donoso. Ivan Illich, la desescolarización y la revolución cultural: una lectura desde/para América Latina. Cuadernos Americanos, vol 2, n. 140 (México, 2012), pp. 123-146.

WEBER, Max. Classe, estamento, partido. In: GERTH, Hans e MILLS, Wright (Org.). Max Weber - Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974, p. 211-228.